

EMILIA PERÉZ: UM OLHAR CRÍTICO ÀS NOÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA

Eva Rafaela Prado Sobreira - IFSP Avaré - eva.prado@aluno.ifsp.edu.br

Lucas Machado Peres – Uneduvale – lucas.mperes@ead.eduvaleavare.com.br

Marília Alves dos Santos - Uneduvale - marilia.santos@ead.eduvaleavare.com.br

Taynara Daniel de Oliveira - Uneduvale - taynara.oliveira@ead.eduvaleavare.com.br

Ariane Marta de Lima Silva – Uneduvale – ariane.lima@ead.eduvaleavare.com.br

ÁREA: Ciências Humanas

RESUMO

As obras audiovisuais são instrumentos de produção e reprodução cultural, podendo se apresentar como grandes aliadas na discussão de diversos temas por meio da dramatização. No entanto, tais produções também podem contribuir para a construção de imaginários sociais que reforçam estigmas e preconceitos sobre grupos marginalizados. Este trabalho tem como objetivo discutir o filme *Emilia Pérez*, amplamente comentado nos espaços midiáticos devido às indicações ao Oscar 2025 e às polêmicas envolvendo críticas da comunidade trans e de mexicanos. A análise se concentra na trajetória da personagem principal durante o processo de transição de gênero, bem como na representação da cultura mexicana e do contexto social do país. A protagonista é apresentada em dois momentos de sua vida, antes e após a transição de gênero, que, embora compreendidos como parte de um processo contínuo de mudança e construção identitária, são analisados neste estudo por meio da estética, marcada por características secundárias impostas socialmente dentro de um acordo binário. Posteriormente, o trabalho aborda, sob uma perspectiva racial, os acordos e representações coloniais presentes no filme. Conclui-se que a análise crítica das produções audiovisuais é fundamental para a desconstrução de imagens e representações que podem perpetuar violências contra a comunidade trans e reforçar narrativas coloniais que silenciam culturas de diversos países.

Palavras-chave: Sexualidade; Identidade de Gênero, Racismo; Políticas de Silenciamento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar criticamente o filme *Emilia Pérez*, discutindo sobre as representações de sexualidade, gênero e raça presentes na obra cinematográfica, pontuando possíveis aspectos relacionados aos preconceitos e estigmas que circundam tais fenômenos. Para o sociólogo canadense Erving Goffman, a relação entre atributo e

estereótipo que caracteriza o estigma evidencia-se quando a identidade social “virtual” do indivíduo (aquela que se projeta em termos de expectativas normativas), é discrepante de sua identidade social “real”, que se apresenta e se confirma nos encontros sociais (Assensio; Soares, 2022), ou seja, os estereótipos e estigmas apresentados no filme demonstram a divergência entre o esperado socialmente na lógica social de sexualidade binarista e das representações coloniais.

Quando pensamos em diversidade de gênero e sexualidade, precisamos entender o conceito de divergente de gênero, que é aquele que rompe com o binarismo imposto pela sociedade ocidental embasada no patriarcado, a qual diz, a partir da genitália, se aquele sujeito é mulher ou homem. Entretanto, há muito tempo, tem se pautado a existência de múltiplas identidades sexuais e de gênero. Isso porque, o gênero não pressupõe a sexualidade, tampouco o contrário. É necessário atentar-se então a isso, pois requer esforço para que pensemos distintamente, ou seja, o rompimento do pensamento tradicional enrijecido, alimentado pelas morais judaico cristãs, que divide não só aqueles entre sujeitos binários e divergentes de gênero e sexualidade (Reis; Castro, 2019).

A partir das discussões realizadas nos grupos de estudos de sexualidade e gênero e das relações étnico-raciais do Centro Universitário Eduvale, pretende-se com esse trabalho analisar a trajetória da protagonista do filme *Emilia Pérez* no processo de transição de gênero, bem como discutir a apresentação da cultura mexicana presente no mesmo, refletindo sobre como as obras artísticas podem popularizar a discussão de temas sensíveis, mas também reforçar preconceitos e estigmas socialmente construídos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a construção da análise proposta optou-se pela realização de um estudo de caso do filme *Emilia Perez* (2024), dirigido por Jacques Audiard e protagonizado por Karla Sofía Gascón, Zoe Saldaña e Selena Gomez. Para a discussão utilizou-se estudos que abordam as temáticas de transição de gênero, estigmas e estereótipos, selecionados pelas bases de dados Scielo e Portal de Periódicos Capes, além de obras que possam trazer contribuições para a análise das temáticas informadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contexto Audiovisual

A indústria cinematográfica frequentemente se apropria de temáticas cotidianas, incorporando-as ao desenvolvimento narrativo de suas produções. No caso em análise, destacam-se elementos como o contexto sociocultural mexicano, a disforia de gênero¹ e as implicações políticas do narcotráfico, os quais estruturam e orientam o percurso da narrativa fílmica. A utilização do recurso estético de apagamento visual, aliado à centralização do nome do país, provoca no espectador uma sensação de ruptura temporal e contextual. Tal estratégia contribui para a construção de uma narrativa fragmentada, que se recompõe ao longo da trama por meio de costuras simbólicas e discursivas.

Embora o filme se inscreva predominantemente no gênero musical, observa-se a presença de sequências não musicais que desempenham papel igualmente significativo na composição estética. Destaca-se, nesse sentido, a função expressiva dos momentos musicais, nos quais conteúdos não verbalizados nas cenas convencionais parecem ser traduzidos de forma literal. Essa transposição provoca uma espécie de deslocamento da *diegese* (história narrada), como se o espectador fosse momentaneamente transportado para fora da narrativa principal.

O suporte teórico adotado nesta análise fundamenta-se na teoria da narrativa literária, com especial atenção ao conceito de *diegese*, aplicado aqui à linguagem audiovisual. Ainda que o objeto de estudo seja um filme, compreende-se que a *diegese*, entendida como a fábula ou síntese da narrativa, é construída pela câmera, que assume o papel de narradora (Júnior, 2009, p. 38). Adicionalmente, considera-se relevante abordar a construção da protagonista sob a perspectiva da classificação de personagem "*redonda*", conforme proposta pelo autor.

Redonda é aquela que se apresenta um alto grau de densidade psicológica, ou seja, marca-se pela linearidade no que se refere à relação entre os atributos que caracterizam o seu *ser* (a sua psicologia) e o seu *fazer* (as suas ações). Noutros termos: apresenta maior complexidade no que se refere às tensões e contradições que caracterizam a sua psicologia e as suas ações. Tal personagem é imprevisível, surpreendendo o leitor ao longo da narrativa, pois representa de modo denso a complexidade, os conflitos e as contradições que caracterizam a condição humana e, nesse sentido, não é redutível aos limites de uma categoria social (FOSTER, 1974)

¹ Compreendida como condição associada à aspectos emocionais negativos causados pela incongruência entre o sexo atribuído ao nascimento (biológico) e a identidade de gênero com a qual a pessoa se reconhece.

Antes da transição, é possível perceber a personagem como alguém psicologicamente denso e complexo. No entanto, o *clímax*, entendido como o momento central da narrativa, em que ocorrem transformações significativas, tanto físicas quanto psicológicas, nos conduz à construção de uma mulher cuja identidade parece ser reduzida aos limites de uma categoria social. Ainda assim, Emília desperta para uma consciência política, engajando-se em ações ativistas dentro de seu território, o México.

De forma resumida, a fábula do filme pode ser descrita da seguinte maneira: Manitas, sujeito inserido no contexto do narcotráfico, já apresenta desde o início contestações relacionadas à identidade de gênero, ou seja, vivencia a disforia. Por esse motivo, contrata a advogada Rita, que acompanha todo o seu processo de transição, tanto no aspecto cirúrgico quanto na aproximação com o trabalho ativista e social.

A Sexualidade em Foucault

O século XIX trouxe importantes reflexões sobre a sexualidade no âmbito acadêmico, marcando um adensamento teórico que passou a criticar o aparato social responsável por engendrar a sociedade a partir do dispositivo da sexualidade. Essa crítica emerge desde o tabu¹ que envolve o tema do sexo, manifestando-se nas indagações de crianças e adolescentes e na forma como os adultos lidam com essas questões, ensinando o sujeito para viver em sociedade e adotar comportamentos considerados aceitáveis.

Nesse processo, espera-se que o indivíduo não se desvie da norma *heterocispatriarcal* promovida pelo Ocidente, que reprime corpos dissidentes e identidades que fogem a essa previsão normativa. A obra *Pedagogia das Travestilidades*, de Maria Clara Araújo, aponta caminhos possíveis para a inserção de pessoas trans e travestis em ambientes laborais. Essa presença, embora ainda marginal, revela uma realidade recorrente, sendo os corpos destinados ao cuidado não são, historicamente, os corpos masculinos, mas sim aqueles que apresentam características secundárias frequentemente divergentes em termos de gênero e sexualidade. Trata-se de uma porcentagem ainda muito pequena de identidades que produzem conhecimento, um saber que redescobrimos, desdobramos e reinterpretamos a cada vez que nos debruçamos sobre o sujeito em prática e suas experiências vividas.

A representação de raça sob o discurso colonial

O filme *Emilia Pérez* é ambientado no México, porém os atores principais e a direção do longa-metragem são de pessoas que residem nos Estados Unidos, França e Espanha. A falta de representatividade e a presença de cenas estereotipadas fez com que o filme sofresse críticas sobre como representou o México e sua realidade social. O diretor Jacques Audiard envolveu-se em diversas polêmicas durante a campanha de lançamento do filme com declarações marcadas pelo racismo e baseadas em discursos eurocêntricos, como a impossibilidade de encontrar atores mexicanos que fossem adequados para o filme, sobre a escolha do uso da língua inglesa, visto que o mesmo declarou que o espanhol era um “idioma de pobres e imigrantes”, além de salientar que não precisou realizar pesquisas sobre a cultura mexicana para a produção do filme.

A construção da narrativa nos campos artístico a partir de um modelo europeu, sustentam uma ideia de universalidade, ou seja, reforçam uma lógica da branquitude, em narrar a história a partir de um lugar em que os protagonistas e as narrativas privilegiam uma visão branca, operacionalizando o racismo nas produções culturais que reverberam em um imaginário social. Logo, pensar práticas antirracistas no campo da produção cultural é uma necessidade, pois oportuniza a desconstrução de estereótipos e paradigmas raciais (Souza, 2020).

Vieira (2023) discutiu em seu trabalho sobre a importância da representatividade de grupos marginalizados, especialmente mulheres negras no estudo realizado, na direção cinematográfica, que desafiam as opressões de gênero, raça e classe, ocupando lugares de “função-poder”, sendo essa função como local de possibilidade de circularidade e construção de novas narrativas, visto que “sendo o cinema feito por pessoas, a reprodução de opressões de gênero, raça e classe é presente” (Vieira, 2023, p.201).

Grada Kilomba (2021, p. 51) pontua em sua obra que

não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. De ambos os modos, somos capturados/as em uma ordem violenta colonial.

Logo, as produções audiovisuais seguem a mesma ordem de violência, desqualificando os saberes de uma cultura e silenciando seus membros, fazendo com que a história seja contada pela ótica do colonizador. A mudança de perspectiva é necessária e urgente, visto que as obras audiovisuais podem desempenhar um papel importante no

desenvolvimento crítico dos espectadores, questionando lógicas de poder. Para França *et al.* (2021) as hierarquias de raça e gênero, manifestadas pelo racismo, machismo e misoginia produzem mecanismos de violência e exclusão social, atestando a pertinência do uso do cinema como forma de produzir uma crítica contundente acerca dessas estruturas de dominação, além de promover ações efetivas de rompimento delas.

CONCLUSÃO

O filme Emilia Perez aborda de forma superficial a temática da transição de gênero, tratando-a como uma transformação abrupta e simplista da personagem principal. Ao apresentar a transição como um evento instantâneo, a obra ignora a complexa jornada de autodescoberta e o aprofundamento emocional que caracterizam a experiência trans. Apesar de uma sinopse promissora, o roteiro falha em explorar as dimensões psicológicas e sociais da personagem antes e durante sua transição. A ausência de desenvolvimento prévio torna o processo somente uma ferramenta narrativa, usada como mecanismo de redenção. Ao vincular a transgeneridade à absolvição de crimes, o filme reforça uma visão problemática, tratando a transição como uma mudança de essência, em vez de um processo de alinhamento entre identidade interna e expressão externa. Além disso, a apresentação do México e da cultura mexicana também mostram a superficialidade ao tratar dos temas sensíveis e importantes para seus cidadãos, silenciando seus conhecimentos e espaço de representação.

Conclui-se que as produções audiovisuais podem ser importantes ferramentas de socialização de informações, mas também instrumentos de marginalização e estigmatização pela narrativa *heterocisnormativa* e colonial.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos aos grupos de estudos João W. Nery e ECOA, pelas ricas discussões realizadas nos encontros que oportunizaram a construção do trabalho apresentado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSENSIO, Cibele Barbalho; SOARES, Roberta. “Estigma – Erving Goffman”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/estigma-erving-goffman>



CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EDUVALE

ISSN 26755734

20 a 24 de outubro de 2025 – Avaré/SP

FRANÇA, A. S. .; SANCHES, M. A. P. S.; MELLO, I. M. de M.; COSTA, M. G. C. .
Debatendo relações étnico-raciais no Brasil através do cinema: a experiência do Sala de
Cinema UEFS em 2020. **Revista UFG**, v. 21, n. 27, 2021. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/69200>.

JUNIOR, Arnaldo Franco. **Operadores de leitura da narrativa**. Teoria literária: abordagens
históricas e tendências, v. 3, 2009.

KILOMBRA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de
Janeiro: Cobogó, 2019.

LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. **Suleando Conceitos em linguagens:
decolonialidades e epistemologias outras**, volume 01, 2024.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das Travestilidades**. Civilização Brasileira,
2022.

SOUZA, Julianna Rosa de. As estruturas do racismo no campo teatral: contribuições para
pensar a branquitude e a naturalização do perfil branco na construção de personagens.
Pitágoras 500, v. 10, n.1 [18], p. 67 - 80, 2020.

VIEIRA, L. O. (Re)Pensar a direção cinematográfica: um olhar sobre diretoras negras
brasileiras. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, v. 11, n. 2, p. 179–202, 2024. DOI:
10.30620/gz.v11n2.p179. Disponível em:
<https://revistas.uneb.br/grauzero/article/view/v11n2p179>.